**ANEMIA FALCIFORME: IMPACTOS NA QUALIDADE DE VIDA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Angela da Conceição Nogueira1; Isadora Viana Costa1; Janaína Ribeiro da Silva1; Maria Clara Nepomuceno Barros1; Ismália Cassandra Costa Maia Dias2; Perpétua do Socorro Silva Costa2.

1. Acadêmico do curso de Enfermagem da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
2. Docente da Coordenação de Enfermagem da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

**RESUMO**

INTRODUÇÃO: A anemia falciforme é uma doença hereditária e crônica, resultante de uma mutação no códon 6 do gene da cadeia β da hemoglobina, gerando a troca do ácido glutâmico pela valina e levando à formação da hemoglobina S. Essa alteração influencia na estrutura da hemoglobina, que passa a ter formato de foice. (1) Os sintomas mais comuns são as crises álgicas e a suscetibilidade a infecções. Desse modo, as atividades diárias são afetadas e o direito de socializar ou estudar são inibidos devido as internações. (2) OBJETIVO: Compreender as adversidades que crianças e adolescentes com anemia falciforme enfrentam e os impactos na sua qualidade de vida. MÉTODOS: Trata-se de uma Revisão de Literatura realizada nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde, Portal de Periódicos da CAPES e SciELO. Foram selecionados artigos completos, publicados em português e no período de 2011 a 2021, que coincidiam com o objetivo proposto. Os descritores utilizados foram “anemia falciforme”, “criança” e “adolescente”, selecionados no DeCs e utilizou-se o operador booleano “AND” para combinar os termos. A pesquisa identificou 9 artigos, mas através da leitura e análise com os critérios de inclusão e exclusão, 5 artigos foram incluídos na revisão. RESULTADOS: A criança com anemia falciforme convive com os sintomas e mudanças desde muito cedo. As constantes crises álgicas, internações e a realização do tratamento, acabam trazendo riscos de depressão e transtornos como a ansiedade e o acanhamento social, podendo se agravar ao longo da vida. (3) Assim, os obstáculos da doença tornam-se marcantes e prejudicam a construção de uma identidade. (4) Além disso, essas crianças se sentem excluídas dos círculos de amizades pelas ausências na escola. Isso afeta o desempenho escolar e provavelmente molda um adolescente com problemas comportamentais, contrariando a aceitação de sua condição e influenciando na sua adesão ao tratamento. (5) CONCLUSÕES: As restrições da anemia falciforme, interferem nas relações de crianças e adolescentes, podendo contribuir para o início de quadros de ansiedade e depressão. Portanto, é importante um acompanhamento terapêutico desde o descobrimento da doença, tanto para os cuidadores quanto para os portadores da doença. Além disso, a inclusão dessas crianças e adolescentes nos grupos de apoio e participação das escolas propiciando um lugar acolhedor e favorável pode estimular sua interação física e social.

Palavras-chaves: Anemia Falciforme; Criança; Adolescente.

REFERÊNCIAS:

1- MENEZES, Adeline Soraya de O. da P; LEN, Cláudio Arnaldo; HILÁRIO, Maria Odete E; TERRERI, Maria Teresa R. A; BRAGA, Josefina Aparecida P. Qualidade de vida em portadores de doença falciforme. **Revista Paulista de Pediatria;** v. 31, n. 1, p. 24-29, 2013.

2- BORGES, Ananda Rosa; GABATZ, Ruth Irmgard Bartschi; VAZ, Jéssica Cardoso; MILBRATH, Viviane Marten. A assistência à saúde na visão de crianças e adolescentes com anemia falciforme. **Revista científica de la Asociación de História y Antropología de los Cuidados,** n. 58, p. 19-31, 2020.

3- LORENCINI, Grace Rangel Felizardo; DE PAULA, Kely Maria Pereira. Perfil Comportamental de Crianças com Anemia Falciforme. **Temas em Psicologia,** v. 23, n. 2, p. 269-280, 2015.

4- BARRETO, Felipe José Nascimento; CIPOLOTTI, Rosana. Sintomas depressivos em crianças e adolescentes com anemia falciforme. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria,** v. 60, n. 4, p. 277-283, 2011.

5- TESSER, Taís Rodrigues; TOMA, Tereza Setsuko; BATISTA, Luís Eduardo. O Cuidado de Adolescentes com Doença Falciforme: possibilidades e desafios. **Síntese de evidências qualitativas para informar políticas de saúde,** p. 63-76, 2019.